**O CURRÍCULO VIVO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS ESCREVIVÊNCIAS DO COTIDIANO.**

**Viviane Dutra Santos Silva**

Mestranda em Educação pela UERJ/PROPED e Formadora da Escola de Formação Paulo Freire

**Josiele Salgado Moreira**

Especialista em Educação Especial pela (UFRRJ) e Formadora da Escola de Formação Paulo Freire

**RESUMO:**

O seguinte artigo parte da compreensão de que escolas são espaços de produção de conhecimentos, sentidos e valores que tensionam a hegemonia na produção dos currículos. Levando em consideração que o processo de formação de professores é reverberado por uma infinidade de complexidades, de saberes e de conhecimentos que viabilizam a construção de uma identidade profissional emancipatória. A formação continuada salienta que a formação de professores deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente. As formações da Escola de Formação Paulo Freire para os profissionais da Educação Infantil compreendem-se no sentido da formação permanente, dialógica e coletiva. Não se trata de encontros de aperfeiçoamentos, mas de uma concepção pluralista dos professores nos seus territórios e da compreensão sociocultural dos profissionais no exercer pedagógico que ultrapassa os muros das escolas. Acreditamos que a formação de professores é o momento crucial da socialização e da configuração profissional. Essa pode desempenhar um papel importante na formação de uma nova profissionalidade docente (NÓVOA, António,2017)

**Palavras Chaves:** Currículo; Cotidiano; Educação Infantil, Escrevivência; Formação de professores.

O currículo tem várias vertentes no campo político e ideológico no Brasil. Esse artigo tende a transitar e trazer referências do Currículo da Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro pela perspectiva do processo de Formação de Professores pela Escola de Formação Paulo Freire, no qual desenvolve as formações desde 2022 até o atual momento com a equipe gestora , professores dos grupamentos: Berçário, Maternal , Pré- Escola , professores de Educação Física e professores de Literatura na Infância das Unidades de Espaço de Desenvolvimento Integral (EDIS),Creches Parceiras e Creches do Município do Rio de Janeiro.

A formação se divide pelos territórios do Município do Rio de Janeiro tendo um formador por cada Coordenadoria Regional de Educação (CRES), que se reúnem com os professores da Rede municipal, uma vez por mês com processos formativos de quatro meses (grupamentos) e com processo vigente com as Professoras Articuladoras (PAS) desde 2022. Nesse caminhar comprometido com o Currículo vivido, legitimado no Currículo da Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro e pelo Material Rio Educa que é constituído pelas boas práticas dos professores que trazem as suas experiências da diversidade cultural e humanista. O processo formativo para tais práticas, traz a reflexão das lutas sociais, políticas e argumentativa nas questões étnico-raciais. Esse entendimento de currículo coloca a criança como foco e está para além de uma listagem de atividades. A Educação Infantil Carioca compreende o currículo com o que é vivido e experimentado nas relações com o outro. Não se trata de transmitir conhecimentos, mas de possibilitar que as crianças explorem o ambiente, os objetos e que levantem indagações sobre aquilo que observam e experienciam, que elas narrem. Portanto, compreendemos que as diferentes experiências vividas pelas crianças são fundamentais para os seus próprios processos de produção de conhecimentos. (Rio de Janeiro, p.9,2020). A formação elabora as suas pautas através dos documentos oficiais de nível Federal e de nível Municipal, além da "Voz", não menos importante, mas valiosíssima na participação dos educadores e de todos os envolvidos que trazem as suas experiências e as subjetividades através dos projetos específicos de cada unidade que os escolhem com autonomia e coletivamente (PPA- Projeto Político Anual). O próprio processo do edital da Escola de Formação Paulo Freire relacionado à escolha dos formadores atendeu aos interesses das composições nos interesses formativos, visto que os formadores estavam intimamente ligados às suas salas de aula ou no seu fazer nas Coordenadorias de Educação. O objetivo foi ligar a pirâmide desses diálogos nas seguintes representações: Escolas, Universidades e a Escola de Formação Paulo Freire.

Com cada professor/formador representando os seus respectivos territórios, os professores atuantes no campo se sentem confortáveis e participativos realizando avaliações qualitativas de todo o processo.

A defesa e o direito da Escola de Formação Paulo Freire se fazem presentes no campo pela necessidade política da Escuta e da representatividade pública dos professores nessas discussões curriculares, visto que temos no campo um outro pressuposto formativo com interesses das empresas particulares com formações terceirizadas que muitas vezes não dialogam com a realidade pedagógica causando tensões e interesses particulares e singulares à Educação.

Numa abordagem teórica-metodológica esse artigo apresenta a sensibilização e a estruturação das formações nos Encontros dialógicos com os professores. Segundo o autor Tomaz Tadeu: O Professor tem tudo para colocar o currículo para dançar (A arte do encontro, 2002). Esse bailado tem como objetivo tirar o currículo do senso comum e da história única e trazer esse educador para dançar na perspectiva das pluralidades e de outros currículos subjetivos que o cotidiano enriquece nas nossas unidades. Sair da perspectiva hegemônica e colonizadora dos saberes para oportunizar experiências que valem a pena ensinar. Por isso trazemos sempre para as formações uma literatura decolonial na busca do resgate do sujeito e da ambiência escolar democrática e antirracista. Conceição Evaristo nos elucida que escrevivência, não é a escrita de si, porque está se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade, assim como nosso coletivo de professores. (Evaristo, olhos d’água, 2016).

Segundo, Lopes: Um conjunto de práticas que busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do Patrimônio Cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças e afetam a construção de suas identidades. (Currículo, RJ, p.9,2020). A proposta da autora é o currículo em oposição à aparatos de Controle Social e as formações se fazem pertencente nessas conjunturas apresentadas.

A formação de professores objetiva desequilibrar esses pressupostos seletivos e potencializar os movimentos culturais que são muitas vezes são deslegitimados para a formatação da escolarização privilegiando somente uma parte da sociedade. Assim, trazemos como pautas as valorosas escolas de samba, as brincadeiras regionais, os artistas informais, as diferentes literaturas e os seus contextos sociais, as diversidades, ritmos e sons, ambiências e várias contribuições para as questões étnico-raciais, entre outras presentes nas diretrizes Curriculares Nacionais.

Sendo uma Instituição, no qual o seu Patrono é o mestre Paulo Freire, se faz necessário na Gerência de Formação da Educação Infantil (GEFEI), a responsabilidade argumentativa de contraposição a Educação Bancária e antidialógica. Os Educadores são convidados a trazerem as suas experiências e validarem no processo o pulsar das relações com as crianças e as suas famílias sem julgamentos ou práticas estereotipadas dos sujeitos.

Para Pinar: É mais relevante o currículo Currere, onde é uma conversa complicada de cada indivíduo com o mundo e consigo mesmo. (Teoria do currículo, 2018). Não estou dizendo que esses encontros são rapidamente absorvidos, executados e perfeitos, não seria tão ingênua em romantizar ou normalizar um processo histórico que priorizou ao longo dos anos o aprisionamento das minorias e o privilégio político por parte da burguesa na história política da educação, mas no movimento de inquietar esse educador na prática da autodesconstrução. Segundo Nilda Alves: Apreciar o olhar/ /ver/sentir/tocar e muito mais. Superar as diferentes expressões surgidas nas inumeráveis ações que somente na aparência, muitas vezes utilizadas para impressionar alguém, postado em algum lugar superior, igual ou repetitivo. (Decifrando o pergaminho,2021)

A reflexão desse artigo é ir além do óbvio e das convicções lineares, porém com o entendimento retratado na pesquisa das diferentes correntes curriculares ainda presentes nos territórios que causam desconhecimentos e práticas superficiais de vários contextos sociais.

Caminhando e buscando as imanências, o currículo valoriza o protagonismo das crianças e nesse aspecto nada centralizador, elas ensinam que as coisas não são exatas nisso ou naquilo e que o currículo pode transitar em diferentes possibilidades. As certezas viram dúvidas e nesse contexto Deleuze apresenta a relação da criança com a natureza e convida-nos a pensar em conceito de algo, como por exemplo :um pássaro, mas não perguntar a que gênero pertence ou à espécie presente, mas nas suas composições, das suas posturas, de suas cores e cantos. (Deleuze, Guattari,1995, p.32).

Nessa perspectiva curricular é preciso autonomia de escolhas e conhecimento dessas composições pelos seus executores, além das intencionalidades dos órgãos públicos como a Escola de Formação Paulo Freire e a Secretaria Municipal de Educação em consolidar esse currículo e fazê-lo vivo nas práticas dos seus formadores e dos docentes sem políticas contraditórias desse processo. Nessa percepção avalio positivamente a construção desses saberes dialógicos na rede, porém ainda sinto um incômodo epistemológico nas creches parceiras do Município do Rio de Janeiro que são representadas por diferentes instituições privadas e religiosas e são convidadas a participarem das formações, porém possuem autonomia curricular frentes as suas ideologias.

A investigação das transições como problemática nesse artigo se revela pelas constantes anuências necessárias para que as formações se legitimem, pois, a educação infantil é cobrada a todo instante por um outro currículo presente no ensino fundamental, no qual existem políticas públicas pautadas no desempenho e na escolarização das suas práticas.

No contexto presente, as formações estão embasadas nas desconstruções desses conceitos e nas buscas avaliativas dos processos das subjetividades de cada indivíduo. Assim temos dois contextos distintos de entendimento curricular na educação básica, no qual aprofundarei na dissertação do mestrado em andamento e que terá como prioridade analisar também as questões étnico-raciais como base desse currículo democrático legitimado pela lei 11.645/08 e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, porém ainda provocativas ou inseguras nas unidades de Espaço de Desenvolvimento Integral (EDIS) , contam com as formações da GEFEI e com a Gerência de relações Étnico-raciais (GERER), essa última criada especificamente para as questões citadas para viabilizar o currículo na sua integridade.

Dentro do princípio Ético, Político e Estético das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, se garante a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade e o respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Nos movimentos estéticos da sensibilização, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Dentro da proposta pedagógica e diversidade da Diretriz Curricular : o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, bem como o combate ao racismo e a discriminação serão pontos focais para o exercício desta pesquisa como contribuição formativa do currículo vivido com embasamento em Abadias do Nascimento em contraposição da invalidação da cultura afro (ALMADA,Sandra,2009) e com contribuições de dos encontros que sucedem começo, meio e começo em Bispo (2020), sendo despretensioso em separar um Ser e não Ser, porque todos Somos.

**Referências:**

ALVES, Nilda, OLIVEIRA Inês Barbosa. Decifrando pergaminhos: os cotidianos das escolas na lógica das redes Cotidianas,2021.

AlMADA, Sandra. Abadias do Nascimento, 2009, p.24.

ESPINOSA, B. Ética 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

EVARISTO, Conceição. Olhos d’água - 2016.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor. out./dez. 2017. p.1106-1133.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. n. 12, 2018.

SILVA, T. Tomaz. 2002. A arte do encontro e da composição: Spinoza + currículo + Deleuze.